

IDENTIDADE E DIVERSIDADE CULTURAL NO PÓS-COLONIALISMO

IDENTITY AND CULTURAL DIVERSITY IN POST-COLONIALISM

Cleonice Alves Lopes Flois

Mestranda em Letras (Estudos Literários) pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE) na Linha de Pesquisa Linguagem Literária e Interfaces Sociais: Estudos Comparados. É bolsista da CAPES e membro do Grupo de Pesquisas Confluências da Ficção, História e Memória na Literatura e nas Diversas Linguagens (UNIOESTE/CNPq). Possui especialização em Literatura Contemporânea pelo Centro Universitário Barão de Mauá de Ribeirão Preto/SP (2012) e em Didática e Metodologia do Ensino pela UNIVALE/ESAP do Vale do Itaipó (2010). É licenciada em Língua Inglesa pelo Programa Especial de Formação Pedagógica pela UTFPR (2008) e bacharela em Secretariado Executivo Bilingüe pela UNIOESTE (2002).

E-mail: cleonicealf@gmail.com

Recebido em: 23/10/2017

Revisado em: 17/01/2018

Aceito em: 19/01/2018

IDENTIDADE E DIVERSIDADE CULTURAL NO PÓS-COLONIALISMO

Resumo: Neste texto apresenta-se a importância e a necessidade do estudo das temáticas identidade, memória e diversidade dentro dos estudos pós-coloniais e, por meio de perspectivas pós-coloniais, culturais e feministas, questiona-se a cultura da dominação e subalternização da mulher buscando maneiras de desconstruir esse ideário carregado de imposições e silenciamentos no qual a figura feminina está inserida. Aborda-se no estudo, de forma comparada, duas obras: *Olhos D'Água*, da brasileira Conceição Evaristo, e *Mulheres de Cinzas*, do moçambicano Mia Couto, sob o viés do pós-colonialismo e dos estudos identitários que abarcam a diversidade das identidades dos sujeitos e, de modo particular, das identidades femininas num constante reconstruir-se.

Palavras-chave: Diversidade; Identidade; Memória.

IDENTITY AND CULTURAL DIVERSITY IN POST-COLONIALISM

Abstract: This text aims to present the importance and the necessity of studying the themes about identity, memory, and diversity. Within postcolonial studies and through cultural and feminist perspectives, the culture of domination and subalternation of women are questioned. It seeks ways to deconstruct this ideology loaded with impositions and silencing which the female figure is inserted. Two works are approached and compared in this essay: *Olhos D'Água*, by the Brazilian author, Conceição Evaristo, and *Mulheres de Cinzas*, by the Mozambican, Mia Couto. Under the postcolonialist bias and the identity studies, which embrace the diversity people's identities - specially the women's -, it encompasses the constant rebuilt of selfhood.

Keywords: Diversity; Identity; Memory.

1 INTRODUÇÃO

A literatura tem uma função muito importante nas relações humanas, pois leva o leitor a ponderar sobre o que ocorre no enredo e a se sensibilizar com seus personagens e suas histórias. À luz das teorias pós-coloniais, culturais e dos estudos identitários pretende-se refletir e auxiliar esse leitor para que consiga perceber qual o seu papel na sociedade, podendo com isso, fazer outras escolhas que não a de mantenedores da intolerância. Outra reflexão também pode e deve ser feita: o nosso olhar enquanto pesquisadores, bem como das instituições, precisam estar voltados para a formação de pessoas com graus mais elevados de criticidade e tolerância para os relacionamentos sociais visando ao descobrimento e valoração da sua identidade e da identidade do outro. É necessário permitir e incentivar que as diferenças culturais sejam expressas no âmbito educacional desde os anos iniciais para que os educandos se habituem a conviver com o diferente e entendam que a diversidade seja na etnia, no gênero ou na cultura é mais rica e bela que a uniformidade.

Tendo como objetivo olhar para a realidade brasileira e afro-brasileira, este estudo visa apresentar, por meio de duas obras pós-coloniais: uma obra da literatura africana e outra da literatura negra ou afro-brasileira, possibilidades para que seja iniciado em âmbito coletivo um processo de desconstrução de estereótipos negativos que permeiam o imaginário dos leitores acerca de temas significativos que contemplam conteúdos complexos e simples. Ao mesmo tempo, aborda questões que estão imbricadas na nossa herança cultural: etnia, gênero, diversidade e, conseqüentemente identidade. O contato com essa literatura e os personagens que vivem situações com as quais podem vir a se imaginar ou, até mesmo, se reconhecer, é um fator que poderá levá-los a pensar na realidade que os circunda, principalmente na esfera escolar, de forma a perceber atitudes discriminatórias e racistas das quais podem ser vítimas ou estar vitimizando outros.

As obras apresentadas neste estudo, a partir de conceitos de identidade presentes na escrita destes escritores, têm muito a contribuir para a temática Africana, e nesse caso moçambicana¹ e afro-brasileira que, sob a ótica dos estudos pós-coloniais e culturais, apresentam identidades em (re)construção, tanto feminina

¹ Faz-se um recorte para trabalhar apenas com Moçambique dentro do contexto africano, por ser o *locus* de enunciação de Mia Couto.

quanto dos gêneros em geral, pois são englobados sob a conceituação de minorias, colonizados, subalternos. Acredita-se que, ao se abordar a temática identidades, chega-se mais facilmente ao universo de leitores em formação devido à idade ou devido ao desconhecimento da literatura africana, pois todos têm identidades em constante composição e, assim, podem se reconhecer em alguns dos personagens ou mesmo no enredo das obras apresentadas.

2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

O romance *Mulheres de Cinzas* é escrito em 2015 pelo escritor moçambicano Mia Couto, e o conto *Olhos D'Água* que intitula a obra de autoria da escritora brasileira Conceição Evaristo é escrito em 2014. Ambas as obras da literatura africana pós-colonial serão analisadas pelo viés dos estudos comparados por compreender que a Literatura Comparada, como um modo particular de formular hipóteses de investigação e como interrogação de textos, enquanto construção de leituras, permite que se ampliem as formas de aproximação ao literário, tal como reflete Tânia Carvalhal no seu livro de ensaios *O próprio e o alheio* (2003).

Este estudo é um recorte da dissertação de Mestrado em que pesquiso duas obras da literatura africana contemporânea, sendo que uma delas é o primeiro livro de uma trilogia moçambicana escrita pelo escritor Mia Couto, *Mulheres de Cinzas*. A outra obra, da escritora brasileira Conceição Evaristo, faz parte deste estudo paralelo à dissertação pelo interesse na abordagem de uma obra da literatura brasileira contemporânea comparada com uma outra africana. Busca-se com isso maior aproximação com o leitor enquanto analisa-se semelhanças e diferenças das duas obras de expressão portuguesa, mas de países diferentes. A pesquisa de mestrado tem financiamento da CAPES/UNIOESTE e foi apresentada inicialmente em uma comunicação num evento institucionalizado da pós-graduação na UNIOESTE, campus de Cascavel.

Sendo um trabalho pautado em pesquisa bibliográfica, este estudo inicia-se com revisão bibliográfica acerca do pós-colonialismo, vertente na qual as obras escolhidas fazem parte; seguindo para uma breve contextualização das obras com as temáticas identidade, oralidade, memória e gênero enfocando, particularmente, a literatura moçambicana e brasileira, países a que pertencem os escritores das obras

escolhidas para análise; e enfatizando a importância da abordagem da mesma para o leitor em formação. A preocupação com o leitor se dá, entre outros fatores, pelo fato de que muitos desconhecem a literatura africana ou afro-brasileira e conhecê-la pode levar muitos adolescentes e jovens a se identificar com os personagens presentes nas obras sentindo-se, assim, representados dentro da literatura composta majoritariamente por pessoas de cor branca, sejam eles personagens das histórias ou mesmo escritores dos livros lidos por esses e muitos outros leitores.

3 APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS RESULTADOS

3.1 CONTEXTUALIZANDO *OLHOS D'ÁGUA* E *MULHERES DE CINZAS*

A obra *Olhos D'Água* de Conceição Evaristo inicia apresentando histórias únicas, vividas por personagens que parecem reais pela grandeza realística que há nas suas histórias. A ficção que a autora constrói é tão entremeada de verdade que se assemelha com a vida real. O conto *Olhos D'Água*, que dá nome à obra é uma prosa poética trabalhada magistralmente de maneira a envolver o leitor na sua trama. A autora apresenta no conto uma dúvida inquietante sobre a cor dos olhos da sua mãe e todo o enredo é entrecortado por essa indagação que completa o drama de forma a nos fazer descobrir, como a narradora, qual é a cor dos olhos de sua mãe. Entretanto, essa mãe que muito nos parece inicialmente com a progenitora, apresenta-se com um duplo sentido no final do conto: aqueles olhos da cor dos rios refere-se a mãe Oxum, e assim o leitor percebe que há uma relação estreita entre a vivência familiar e a crença religiosa e que ambos compõem aquela personagem que enreda o conto. O evento de retomar as raízes culturais e sociais evoca uma possibilidade de debater sobre a importância de se utilizar a memória para preservar e manter a estrutura imagética existente a partir das lembranças do já vivenciado. E assim, pode-se levar o leitor a perceber o valor da memória como um mecanismo para a defesa e afirmação da temática gênero e cultura em ambientes acadêmicos, escolares e socioculturais.

A escritora Conceição Evaristo, é uma representante da literatura afro-brasileira. Nascida em Belo Horizonte, em 29 de novembro de 1946, Maria da Conceição Evaristo de Brito mudou-se para o Rio de Janeiro na década de 70, após ter concluído, aos 25 anos, o curso Normal. Graduou-se em Letras na Universidade

Federal do Rio de Janeiro e assumiu concurso para lecionar na capital fluminense. cursou mestrado em Literatura Brasileira pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro em 1996, com a dissertação *Literatura Negra: uma poética de nossa afro-brasilidade* e doutorado em Literatura Comparada na Universidade Federal Fluminense em 2011, com a tese *Poemas Malungos, Cânticos Irmãos* estudando as obras poéticas dos afro-brasileiros Nei Lopes e Edmilson de Almeida Pereira comparando com a obra do angolano Agostinho Neto.

Na década de 80, teve contato com o Grupo Quilombhoje e outros movimentos que buscam a valorização da cultura negra tornando-se uma participante ativa desses grupos. Sua estreia na literatura se deu em 1990 com publicações na série *Cadernos Negros*. Em 2003, publicou o romance *Ponciá Vicêncio*, pela Editora Mazza, de Belo Horizonte e em 2006, publicou *Becos da Memória*. Em 2008, publicou *Poemas de recordação* e outros movimentos sempre mantendo um viés de denúncia às condições desfavorecidas dos afrodescendentes. Em 2011, a autora lançou *Insubmissas Lágrimas de Mulher*, um volume de contos que aborda as relações de gênero em contextos de exclusividade sexista e racista. Em 2014, lança outro volume de contos intitulado *Olhos D'Água*, e em 2016 lança *Histórias de leves enganos e parecenças* pela editora Malê.

Mesmo ao se utilizar de uma linguagem que denuncia, Conceição Evaristo mantém em suas obras, inclusive na prosa, um lirismo repleto de sensibilidade e intimismo que aproxima o leitor dos personagens da trama. Para tanto, a escritora torna visível o trabalho minucioso ao fazer uso da linguagem poética. No conto *Olhos D'Água*, primeiro conto do volume, essas características se evidenciam.

E naquela noite a pergunta continuava me atormentando. Havia anos que eu estava fora de minha casa em busca de melhor condição de vida para mim e para minha família: ela e minhas irmãs tinham ficado para trás. Mas eu nunca esquecera a minha mãe. Reconhecia a importância dela na minha vida, não só dela, mas de minhas tias e de todas as mulheres de minha família. E também, já naquela época, eu entoava cantos de louvor a todas nossas ancestrais, que desde a África vinham arando a terra da vida com as próprias mãos, palavras e sangue. Não, eu não esqueço essas Senhoras, nossas Yabás, donas de tantas sabedorias. Mas que cor eram os olhos da minha mãe? (EVARISTO, 2014, p.18)

Os temas cultura e identidade são tão comuns na obra de Conceição Evaristo que é a partir deles que se parte para o desenrolar de cada trama. Os processos

identitários estão latentes nos personagens de forma que a busca por uma construção e, muitas vezes, uma reconstrução da identidade que se perde na distância dos limites geográficos, que se esvazia na descrença da mudança dos quadros de injustiças sociais, acontece sem que o próprio personagem perceba que já está ocorrendo.

A outra obra estudada é *Mulheres de Cinzas* que faz parte de uma trilogia que o escritor Mia Couto iniciou em 2015, e na qual narra a disputa pela Terra entre os portugueses e Ngungunyane. Os portugueses tinham no trono o rei D. Carlos I e contavam com a aliança dos VaChopi, tribo africana a qual Imani pertencia e que se opunham ao domínio de Ngungunyane. Este, por sua vez, era o chefe dos VaNguni, considerado Imperador do Império de Gaza. A obra é um romance histórico narrado por uma menina de 15 anos que busca sua identidade num lugar onde as mulheres não têm voz, principalmente em tempos de guerra em que as mulheres são as que mais sofrem pelo patriarcalismo presente na cultura em que estão inseridas e pela violência que permeia todos os tratamentos, seja dos seus familiares, seja dos desconhecidos. A tessitura da narrativa é entremeada pelas cartas de um sargento que vem para a cidade e se corresponde com seu oficial em Portugal dando informações das atividades na aldeia com o objetivo de impedir que as tropas inimigas de Ngungunyane avancem contra as terras que pertencem a Portugal. O autor apresenta as vozes de uma jovem africana e de um sargento português, cuja relação vai além da estritamente profissional, para falar sobre a guerra que arruinou o sul de Moçambique no fim do século XIX. O envolvimento de ambos é algo que precisa passar sem ser visto, pois "num país assombrado pela guerra dos homens, a única saída para uma mulher é passar despercebida, como se fosse feita de sombras ou de cinzas." (COUTO, 2015)².

O ficcionista Mia Couto surge em cena na literatura moçambicana em 1983, com a publicação da obra *Raiz de Orvalho*, um livro de poemas. Nascido em 5 de julho de 1955, na cidade da Beira, foi registrado com o nome de António Emílio Leite Couto é filho do poeta e jornalista português Fernando Couto, de quem herda o gosto pela literatura. A partir desse momento, o biólogo de formação, passa a buscar temas para futuros contos e começa a se aventurar pela prosa. Sua ficção é repleta de neologismos, de grande valorização da língua e da linguagem falada no seu país e de

² Trecho retirado da orelha do livro *Mulheres de Cinzas*, de Mia Couto, 1ª Ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

inovações frasais, mas com ritmo e leveza tornando sua prosa entremeada de poesia. Revela-se um grande contista, pois inaugura uma maneira só sua de refletir sobre a história do seu povo buscando olhar sempre para o passado e o futuro através do discurso literário.

A composição da obra de Mia Couto ao ser descrita por ele mesmo nos apresenta uma escrita complexa, composta de hibridez e pluralidade. Sua narrativa, vista dessa forma, é tecida com precisão e fidelidade contemplando a riqueza e a diversidade da cultura moçambicana, pois o escritor sabe da sua importância para seu povo e sua pátria enquanto "herdeiro de cruzamentos culturais múltiplos e tem clareza de que sua produção se alimenta não só de estratégias orais do narrador africano, mas de jogos lúdicos universais que fazem de sua prosa um tecido híbrido e poético". (SECCO, 2000, p. 265).

3.2 PÓS-COLONIALISMO, FEMINISMO E IDENTIDADES CULTURAIS

Nos anos 70, os críticos literários estavam voltados para as discussões sobre os efeitos da colonização que só chegaram para esse debate pela ascensão de nações que buscavam afirmar-se com suas identidades e etnias próprias após o período pós-guerra e a descolonização progressiva do continente africano e asiático. (SCHMIDT, 2009, p. 137). O termo pós-colonial foi utilizado pela primeira vez pelos historiadores desse período, e a literatura pós-colonial surgiu nessa época "para dissecar a relação colonial e, de certa forma, resistir às perspectivas colonialistas, tais como as ideias da superioridade europeias e da missão civilizatória do império." (ZOLIN, 2012, p. 53).

O pós-colonialismo engloba correntes teóricas heterogêneas, que compreendem além da produção literária das nações emergentes também a produção de imigrantes, grupo que cresce cada vez mais no continente europeu e americano e cujas contribuições artísticas e culturais têm sido examinadas com mais profundidade para que as suas especificidades não se percam no conjunto. Assim, os teóricos do pós-colonialismo estão entre estudiosos da Europa e América do Norte, como os precursores Frantz Fanon e Albert Memmi, além de Benedict Anderson, Homi Bhabha, Edward Said, Gayatri Spivak, Paul Gilroy, dentre outros (SANTOS, 2001).

Os estudos pós-coloniais têm exercido influência relevante na maneira como a crítica cultural se apresenta de forma a fazer com que interpolações se voltem a favor de pensamentos cujo locus enunciativo seja o entrelugar, aquele interstício, para lembrar Homi Bhabha, em que a hegemonia e a subalternidade se relacionam. Essas teorias tornam os estudos pós-coloniais uma esfera transdisciplinar na qual os teóricos do pós-colonialismo se debruçam sobre temáticas pertinentes ao colonialismo, mas principalmente aos grupos etnicamente minoritários. Santos (2001), em suas análises afirma que o pós-colonialismo possui dois sentidos, o que engendra tanto a economia, a sociologia e a política quanto a sociedade e as instituições nos Estados que vieram com as colônias e sua autonomia envolvendo práticas e discursos que dispõem de um viés alicerçado na cultura em âmbitos dos estudos linguísticos, literários e culturais, pois buscam narrativas escritas pelos colonizados e “desconstroem a narrativa colonial escrita pelo colonizador” (SANTOS, 2001, p. 30).

O pós-colonial pode ter sua função alargada ao interrogar o sistema geopolítico que comporta a teoria metropolitana bem como o locus de enunciação do sujeito pós-colonial que nos deixa diante de inquições primordiais não tratadas. As teorias que utilizamos são vistas também como algo que nos identifica, pois são heterogêneas apresentando diferenças no seu conjunto de conceitos. Essas teorias surgem de construções que se desenvolvem internamente ou que são importadas formando hibridismos. (SLATER, 1998). Além disso, nosso locus de enunciação e a teoria arraigada em nós se mostram por meio do modo como nos relacionamos com o que é diverso.

Dentro desse locus, a narrativa pós-colonial se constitui e apresenta características híbridas por causa da confluência das formas e propostas oriundas das ligações que se estabelecem entre os aspectos da cultura europeia e as culturas dos povos colonizados. Assim, a constituição da oralidade tem lugar distinto nesse tempo em que se reescreve a história e a literatura desses povos colonizados, subalternizados e vistos como minorias, pois "a literatura é também um meio importante de apropriação, inversão ou desafio a meios de representação dominantes." (ZOLIN, 2012, p. 52).

Nesse processo expansionista de territórios dirigido pelas potências europeias "a mulher, assim como os negros[...], foi subjugada[...], daí, muitas vezes, os conceitos operatórios de pós-colonialismo, [...] serem partilhados pelo feminismo." (ZOLIN,

2012, p. 53). Na atualidade, se observa um diálogo confluyente entre o pós-colonialismo e o feminismo, mas nem sempre foi assim, pois a inserção dos estudos feministas nas demais teorias não ocorreu de forma fácil, tanto nos estudos pós-coloniais quanto nos culturais. Porém, foram as críticas feministas responsáveis por abalar os solidificados "pilares universais e seculares" da crítica e da literatura da contemporaneidade, de forma a deslocar o que já estava solidificado. (SANTIAGO, 2004, p. 86). Stuart Hall metaforiza essa entrada enviesada nos estudos culturais ao dizer que "como um ladrão na noite, o feminismo forçou a entrada, causou uma interrupção, fez um estardalhaço, apoderou-se do momento". (HALL, 1996, p. 264). Assim, as teorias feministas adentraram o bojo dos discursos elitizados e cada dia mais exigem representação de forma a desconstruir esses discursos que limitam a presença das minorias.

Nas literaturas híbridas formadas pela moçambicanidade e afro-brasilidade, as mulheres buscam seus lugares assim como todos os excluídos do sistema hegemônico patriarcal. Pela memória dos seus escritores e escritoras, elas mantêm a história viva para perpetuar sua tradição, pois as culturas nacionais "são atravessadas por profundas divisões e diferenças internas, sendo 'unificadas' apenas através do exercício de diferentes formas de poder cultural. Entretanto,[...] as identidades nacionais continuam a ser representadas como unificadas". (HALL, 2000, p. 61-62). Para esses povos é no voltar às raízes que se encontra o caminho de afirmação das múltiplas características de etnicidade e linguagem que compõem sua sociedade.

Nesse processo em que se imerge numa aparente unificação da cultura conectada à tradição, faz-se necessário àquele que escreve buscar na memória as imagens que podem vir a auxiliá-lo a recriar o que a imaginação empreende através das lembranças dos tempos felizes vivenciados num cenário cultural de mesclas, de características mestiças, negra e branca tanto de Moçambique quanto do Brasil. Para que sejam unificadas é preciso "representá-las como a expressão da cultura subjacente de 'um único povo'. A etnia é o termo que utilizamos para nos referirmos às características culturais [...] que são partilhadas por um povo." (HALL, 2000, p.62).

Identidade cultural é a nomenclatura que evidencia a crença em uma variedade de características comuns da cultura de um grupo específico. Se manifesta através da coletividade ou de um indivíduo que se sinta pertencente a um grupo com o qual se identifique. Essa identificação do sujeito com o grupo estipula uma

determinada comparação em que, se há um grupo com o qual há identificação, conseqüentemente, pela comparação, há outro em que a identificação inexistente. A identificação pode ser ampla ou restrita a apenas um aspecto com variações e modificações constantes no espaço e no tempo, uma vez que "as identidades estão sempre entrando em colapso, [...] O próprio processo de identificação, através do qual nos projetamos em nossas identidades culturais, tornou-se mais provisório, variável e problemático." (HALL, 1999, p.12). Esse evento ocorre devido às inúmeras e significativas alterações estruturais e institucionais pelas quais os sujeitos e os coletivos estão passando.

Com vistas a isso, as relações do europeu com as culturas moçambicana e brasileira sob a ótica do escritor Mia Couto e da escritora Conceição Evaristo, bem como dos leitores dessas obras, são refletidas e ressignificadas. A oralidade ou a escrita, de forma a dar voz às produções feitas também no âmbito dos eventos populares, são as formas com as quais se pode contar para essa tarefa cujo "projeto de escrita pós-colonial é também interrogar o discurso europeu e descentralizar as estratégias discursivas; investigando, relendo e reescrevendo a empresa histórica e ficcional coloniais". (LEITE, 2003, p. 28). O objetivo é o de estabelecer critérios para que novos campos literários sejam construídos e que deem conta das diferenças das identidades desses povos, dessas culturas, seja em solo moçambicano ou em solo brasileiro.

4.3 A MEMÓRIA QUE RESGATA A ORALIDADE E A IDENTIDADE DE UM POVO

A memória é a maneira de trazer à tona a ancestralidade de um povo ou nação, e esta presença do passado se faz necessário para que o processo identitário seja completo. A escrita é primordial para essa função, pois é uma forma de, juntamente com a oralidade, socializar a memória. A linguagem utilizada nas narrativas tem como função unificar no mesmo espaço histórico e cultural as memórias, que em forma de imagens representam as múltiplas vozes, as múltiplas identidades que compõem a trama do texto.

Ao abordar esta temática nos aproximamos de uma vertente de estudos que abarcam a memória cultural, conforme o fazem os estudos de gêneros e os pós-coloniais. Estes estudos têm interesse na investigação do quão importante são as

lembranças das minorias deixadas à margem pela história oficial, pois "os discursos da memória permanecem amarrados a memórias específicas de grupos sociais situados no tempo e espaço". (HUYSSSEN, 2003, p. 148). A memória cultural representa "uma forma de metamemória, quer dizer, um enunciado que membros de um grupo vão produzir a respeito de uma memória supostamente comum a todos os membros desse grupo". (CANDAU, 2011, p.24). Assim, a memória cultural se torna esse enunciado enquanto é coletiva.

Como elemento que estrutura a narrativa, a memória abrange grandes desafios como o de representar, por meio da ficção, as subjetividades que se situam à margem, através de narrativas que referenciam criticamente a história e seus registros. As escolhas feitas no decorrer do enredo das obras dos escritores estudados aqui apresentam muitas ligações com a memória, as quais analisam o individual na visão dos envolvidos. Uma vez que "as questões pessoais e culturais do passado repercutem no presente cada uma a seu modo, podendo ser resgatadas ou não" trazem à tona as opções feitas pela memória desses personagens. (BRAGA, 2010, p. 45).

O que se apresenta na literatura moçambicana contemporânea solidifica um embate iniciado há muito tempo com as lutas pela descolonização nos países africanos. Fazia-se necessário encontrar uma maneira de tornar concreto o que se ansiava e, para tanto, os escritores precisavam romper com a tradição europeia de forma a desvincular primeiramente a língua, e em seguida, a própria literatura buscando assim, deixar suas próprias marcas inserindo em suas obras aspectos caracterizadores da oralidade do povo.

Com isso, a língua é isolada da matriz e ambientada em terras africanas tendo com o tempo, as possibilidades necessárias para acondicionar uma escrita com características dos escritores locais. Essa transformação torna possível que se produza uma literatura que rompa com o modelo eurocêntrico e que se torne inteiramente africana. Nessa pluralidade, os pilares de uma literatura densamente crítica são erguidos, mas trazem consigo sentimentos utópicos, efeitos imagéticos, formas e estilos provenientes das expressões orais, bem como, uma avaliação contundente da vida no continente africano, nesses tempos difíceis de pós-independência.

Envolvido diretamente numa esfera multiforme, é urgente que o escritor transgrida para ser ouvido e essa transgressão acontece com sua linguagem repleta de discordâncias e contestações ao que a metrópole inflige como princípios estabelecidos. Ao mesmo tempo, são inseridos na urdidura trechos da memória africana com ritmos ancestrais da oralidade resgatando o passado daquele povo e, mais uma vez, subvertendo a língua, que assim, é reinventada, sofrendo alterações profundas para receber a história e a herança cultural africana. Nessa introdução de marcas, as raízes da ancestralidade tanto moçambicana quanto afro-brasileira, instauram um novo conceito de identidade naqueles que povoam essas regiões. Utilizando de uma linguagem dialógica e polifônica para compor a tessitura das suas produções, elas passam a ter como grandes balizas o insólito, o incomum, o híbrido, o mestiço, aquilo que valoriza o discurso produzido, bem como, o produtor desse discurso, pois é na voz desse escritor que toda uma comunidade se faz representada. (LEITE, 2003).

Ao se abordar a questão da subversão às regras impostas pelo colonizador e ainda encravadas na sociedade pós-colonizada, aborda-se preferencialmente, a temática da identidade. A identidade do povo, da nação foi esmagada com as políticas de assimilação durante o período colonial, antes mesmo de formarem uma nação, enquanto ainda eram comunidades e, no caso brasileiro, pela submissão quase total ao patrão e àquela sociedade escravocrata. O processo de construção da identidade nacional, cujos bens culturais foram massacrados é lento, mas vital, e para tanto, precisa passar pela construção da identidade daquele povo, dos colonizados, das minorias, de cada homem, mulher e criança que compõe aquela etnia, cujas formas de agir e cujos conceitos a ser valorizados são ainda referenciados pelas marcas deixadas nos seus pensamentos e nas suas vidas. Esses estigmas determinam quão árduo ou quão leve será sua busca pela identidade que tinham ou por uma nova identidade.

A (re)construção da identidade de um povo e de uma nação é um processo delicado e moroso, que exige de todos verdadeira entrega ao processo identitário. O exercício da escrita, com nuances tipicamente africanas, é uma das maneiras que essas nações pós-independentes utilizam. Essa narrativa nacional recém construída é bastante comum para as dinâmicas sociais, pois é a maneira que o escritor encontra para ter voz enquanto representante da sua comunidade. Para tanto, essa voz,

precisa ser na língua mestiça do seu povo, não na língua antes imposta pelo europeu. No Brasil, escrever também é uma maneira de manter o que resta da cultura daqueles povos aprisionados e trazidos das regiões africanas para cá. Alguns escritores e escritoras surgem inicialmente mostrando sua própria voz, trazendo à baila o pensamento do afro-brasileiro e são seguidos por uma legião que vem, sem medo, mostrar suas raízes.

Por isso, compor uma literatura com as características singulares africanas é, ainda hoje, um desafio. Mesmo tendo passado vários anos dos processos de independência dessas ex-colônias e da assinatura da lei Áurea, tudo ainda é muito recente, haja vista que literaturas de outras nações independentes há muito mais tempo passam por períodos de inaceitação de suas obras com bastante constância, e muitos escritores levam décadas para se tornar consagrados. Mesclar nas produções a língua do povo, a língua da tribo a que os personagens pertencem juntamente com a língua portuguesa ou inglesa é uma necessidade para a legitimidade da obra, mas é um processo que foi iniciado por muitos escritores e que precisa ser mantido para a manutenção dos valores daquele povo. O escritor precisa estar atento a isso e o leitor precisa ser preparado para o contato com essa literatura, fazendo-se primordial para esse fim, o papel da crítica literária que analisa e orienta com relação a esta nova vertente.

Com os avanços da Semana da Arte Moderna de 22 e o consequente modernismo no Brasil, muitas formas inovadoras e experimentais foram levadas para o país africano e aplicadas em solo literário brasileiro. Essas inovações, juntamente com as características orais fortemente enraizadas no seio da cultura popular, povoam a escrita desses dois continentes tornando-a cada vez mais híbrida, plural e dialógica requerendo seu espaço no seio da literatura mundial. Analisar obras com essas nuances torna-se então, imprescindível para o enriquecimento da literatura, bem como da linguagem como um todo polifônico. Enquanto pesquisadores, nosso papel é importantíssimo para esse objetivo, pois ele é a ponte que levará a sociedade leitora a ver nessa literatura africana e afro-brasileira a sua própria história contada com uma multiplicidade de vozes, todas passíveis de pertencimento, passíveis de o leitor reconhecer-se nelas. O poder da narrativa é muito grande podendo conseguir que esse leitor se sinta pertencente a essa cultura e volte o olhar para a sua, para quem sabe comparar, revalorizar ou refletir sobre ela.

4.4 IDENTIDADE, DIVERSIDADE E GÊNERO

A literatura africana com toda sua valoração identitária nacionalista se amplifica e se desloca para se compor, mas isso não significa aceitação à limites e convenções que lhe aprisione novamente. Mesmo havendo desgastes em tentativas de conquista de sua própria literatura percebe-se, cada vez mais, que o híbrido em suas culturas vai muito além do simples encontro com os resquícios da cultura do colonizador, pois traz consigo toda uma variedade de tonalidades que já existiam antes mesmo da colonização. (CANCLINI, 1997). Como não é possível retornar a um passado pré-colonial, nem ao que se tinha antes de se tornar colônia, é necessário olhar com outro olhar para as possibilidades que se apresentam.

O que se procura é uma temporalidade em que se possa produzir com sua diversidade, sem limites que tentem homogeneizar o que não se restringe, pois a literatura africana é, desde os primórdios, consistentemente heterogênea. O perigo de tentativas de se encaixar em determinado movimento ou vertente é o de voltar ao que já existia durante o período de colonização em que as minorias eram tornadas subalternas pela padronização para a qual não há mais espaço na contemporaneidade.

Nessa busca encontra-se conceitos como o de "modernidade-própria" utilizada por Édouard Glissant (2005), mas é uma conceituação com suas particularidades, com identidades rizomáticas, cujo objetivo é dar voz aos excluídos, periféricos, descentralizados, em um tempo pós-moderno, é uma modernidade contemporânea. O pesquisador, respaldado pelo pensamento de Deleuze e Guattari (2005), em *Mil platôs*, ao analisar a maneira como as culturas se constituem, percebe o projeto identitário a partir da raiz única, essencialista e enraizada; e a partir do rizoma, passa a entender que a raiz se refere a um tipo de identidade única e o rizoma trata do tipo de identidade não enraizada, que se distingue pelo encontro com outras raízes. Assim, "a raiz única é aquela que mata à sua volta, enquanto o rizoma é a raiz que vai ao encontro de outras raízes". (GLISSANT, 2005, p.71).

Enquanto tenta se definir uma identidade, nessa diligência pelo processo identitário, numa minoria marginalizada, as mulheres são ainda mais marginalizadas, e ao olharmos para além do gênero, para a questão da etnia, a mulher negra é ainda mais marginalizada, ainda mais subalternizada do que as outras minorias, conforme

Gayatri Spivak (2014). Por isso, a crítica de gênero vem contribuir para as temáticas abarcadas neste trabalho com uma perspectiva particularizada desse movimento que se inicia na literatura africana contemporânea. Para Ranajit Guha (1982), o subalterno é visto como alguém que carece ser empoderado e autorrepresentado, pois lhe é negado todo e qualquer reconhecimento de sujeito da história. Homi Bhabha (2005), por sua vez, destaca quão relevante é compreender as relações sociais como relações de poder ao se referir aos ditos subalternos, vendo-os como grupos minoritários, sem os quais não existiria o grupo majoritário, neste caso, a sociedade eurocêntrica. Entretanto, esses grupos sociais vistos como subalternos, são para ele, capazes de subverter o poderio de quem o detém.

As narrativas analisadas retratam a mulher sob dois vieses. Na obra de Mia Couto a personagem principal é Imani, uma jovem de 15 anos que por ter aprendido a língua do europeu, no caso o português de Portugal, na escola, será intérprete do sargento português Germano de Melo. Imani é da tribo dos *VaChopi*, uma das poucas tribos que se opuseram à invasão de *Ngungunyane*, último dos líderes do Estado de Gaza. Por ser mulher, e por estar envolvida com um militar, Imani sabe que precisa ficar invisível porque num país em que a guerra dos homens assombra constantemente, ser mulher é sempre muito mais arriscado.

No conto *Olhos D'Água* de Conceição Evaristo, a narração é feita por uma mulher que não se recorda da cor dos olhos da sua mãe. Essa narradora-personagem desfia ao longo da construção narrativa um tecido engendrado na sua história com sua mãe e irmãos durante sua infância e princípio da adolescência, num tempo em que a mãe brincava com as filhas para que elas se esquecessem da fome que lhes assaltava os dias e fazia a barriga roncar alto. Devido à distância da sua cidade natal, a narradora via-se sem saber responder para si uma pergunta que lhe inquietava as noites e dias: "de que cor era os olhos da minha mãe?".(EVARISTO, 2014, p. 15). Após não conseguir se recordar, e cheia de saudade da família, ela retorna para a sua terra para olhar de perto os olhos daquela que ela tanto amava. Ao chegar próxima da mãe, percebe que os seus olhos não tinham uma cor porque eram feitos de rios caudalosos. Mesmo sorrindo dos olhos dela não paravam de sair água correnteza, e sua face era enfeitada pelo pranto que vertia abundante. Viu então, que os olhos da sua mãe eram *Olhos D'Água*, fato que nos faz pensar na possibilidade de a narradora estar mesclando nessa imagem, a mãe com a simbologia de Oxum, enlaçando a trama

como a sua vida pelas presenças femininas fortes que lhe servem de apoio em momentos de necessidade, de saudade pelo distanciamento, pela falta da presença física da família e, ao mesmo tempo, das crenças que cultivava desde a infância.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Se a busca pela identidade nacional e cultural é importante para o povo, tão importante é a busca pela própria identidade enquanto mulher. Saber fazer-se (re)construir como o país pós-independência de Mia Couto ou contra as desigualdades sociais de Conceição Evaristo é também uma necessidade para as suas personagens que estando longe ou perto da sua gente, sentem-se também deslocadas de seu local e de si mesmas.

A escrita desses dois escritores traz à tona a relevância dessa literatura híbrida repleta de vozes femininas, de africanidade e de valor para a literatura universal. Conhecê-la e levar os leitores a conhecer percorrendo com eles a caminhada do descobrimento da história de um povo do qual descendemos, é uma empreitada muito interessante que só pode resultar em indivíduos mais conscientes da sua identidade, valorizando suas memórias e sua diversidade cultural.

REFERÊNCIAS

BHABHA, Homi K. **O local da cultura**. Belo Horizonte: Editora. UFMG, (Coleção Humanitas), 2005.

BRAGA, Cláudio Roberto Vieira. **Trocando o Próprio Nome: Identidade Cultural e Memória em “The Headstrong Historian”, de Chimamanda Ngozi Adichie**. Cadernos Cespuc, Belo Horizonte - n. 19 - 2010. p. 42-50. Disponível em: <http://periodicos.pucminas.br/index.php/cadernoscespuc/article/view/7829/0>. Acesso em 12/07/2016.

CANCLINI, Néstor García. **Culturas Híbridas - estratégias para entrar e sair da modernidade**. Tradução de Ana Regina Lessa e Heloísa Pezza Cintrão. São Paulo: EDUSP, 1997. p. 283-350: Culturas híbridas, poderes oblíquos.

CANDAU, Joel. **Memória e identidade**. Tradução: Maria Leticia Ferreira. São Paulo: Contexto, 2011.

CARVALHAL, Tânia Franco. O próprio e o alheio no percurso literário brasileiro. In: _____. *O próprio e o alheio*. Ensaios de Literatura Comparada. São Leopoldo: Unisinos, 2003. p. 125-152.

COUTO, Mia. **O Gato e O Novelo**. Entrevista a José E. Agualusa. JL, Lisboa, 8/10/1997. p. 59.

_____. **Mulheres de Cinzas: as areias do imperador: uma trilogia moçambicana, Livro 1**. 1ª Ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

EVARISTO, Conceição. **Olhos D'Água**. 1. ed. - Rio de Janeiro: Pallas: Fundação Biblioteca Nacional, 2016.

GLISSANT, Édouard. **Introdução a uma poética da diversidade**. Tradução de Enilce Albergaria Rocha. Juiz de Fora: Editora UFJF, 2005.

GUHA, Ranajit. **Subaltern Studies: Writing on South Asian Society and History**. Vol. VII: Oxford, 1982.

HALL, Stuart. Cultural Studies and its Theoretical Legacies. In: MORLEY, David; CHEN, Kuan-Hsing (Ed.). **Stuart Hall: Critical Dialogues in Cultural Studies**. London: Routledge, 1996. p.262-275.

_____. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP&A, 1999.

HUYSSSEN, Andreas. **Present pasts: urban palimpsests and the politics of memory**. Stanford: Stanford University Press, 2003.

LEITE, Ana Mafalda. **Literaturas Africanas e Formulações Pós-coloniais**. Lisboa: Editorial Caminho, 2003.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **Do Pós-Moderno ao Pós-Colonial**. E para além de um outro. Centro de estudos Sociais da Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra. 2004. Conferência de Abertura do VII Congresso Luso-Afro-Brasileiro de Ciências Sociais, realizado em Coimbra.

SANTIAGO, Silviano. **O cosmopolitismo do pobre: crítica literária e crítica cultural**. Belo Horizonte: UFMG, 2004.

SCHMIDT, Simone Pereira. **Onde está o sujeito pós-colonial?** (algumas reflexões sobre o espaço, e a condição pós-colonial na literatura angolana). In: Revista Abril, v.2, nº2, p. 136-147, abril de 2009.

SECCO, Carmen Lucia Tindó Ribeiro. Mia Couto e a incurável doença de sonhar. In: SLATER, David. **Post-Colonial Questions for Global Times**. Review of International Political Economy, v. 5, n.4, p.647-768, 1998.

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. **Pode o subalterno falar?** Tradução de Sandra R. Goulart Almeida; Marcos Feitosa; André Feitosa. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2014.

ZOLIN, Lúcia Osana. **Pós-Colonialismo, Feminismo e Construção de Identidades na Ficção Brasileira Contemporânea Escrita por Mulheres.** In.: *Revista Brasileira de Literatura Comparada*, n.21, p. 51-70, 2012.